



Trabalho apresentado no XXII Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil

IMAGÉTICA DA VIOLÊNCIA URBANA CARIOCA

Melissa Tavares

Esse trabalho se propõe a traçar uma leitura das representações sociais da violência urbana carioca que, apesar da força de sua herança histórica, podem ser modificadas pela ativação de outros complexos culturais que emergem na sociedade pós-moderna. Tomando nosso imaginário enquanto ponto de partida para um “enraizamento dinâmico”¹ na psique coletiva, novos símbolos emergem ativados por outros complexos culturais que ganham força, apostando em novas formas de relações sociais que operam fissuras na ordem instituída.

Em 2008 foi inaugurada nova política pública de combate ao crime organizado na cidade do Rio de Janeiro, com a ação do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na comunidade do morro Dona Marta, no bairro de Botafogo. Nesse momento e nos anos seguintes viveu-se a esperança de pacificação dessa cidade tão marcada por histórico de grave violência urbana.

A imagem de que os principais criminosos estivessem desarmados, se não presos ou mortos, foi abalada por

¹ Expressão cunhada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli: “não se trata de um saber teórico, mas de uma vivência prática, a da experiência individual que se enraíza na experiência coletiva. Trata-se de uma

espécie de instinto que funda a perduração societal nos usos e costumes da comunidade” (MAFFESOLI, 2007, p. 116)

dramáticos episódios de violência que foram manchetes na mídia ao longo de 2013 e 2014, indicando que as organizações criminosas ainda possuíam elevado poder de fogo. O cenário que se formou tinha de um lado mais de quinze policiais de UPPs mortos em ação e, de outro, diversos casos de abuso de poder, como a morte de dois moradores de comunidade que tiveram grande repercussão: o Amarildo (pedreiro residente na comunidade da Rocinha)² e do Douglas, o DG (dançarino de um conhecido programa de tv e morador da comunidade do Cantagalo)³. Parte da mídia defendendo o direito dessas vítimas e parte questionando a idoneidade de suas ações. Some-se a isso as manifestações populares de julho de 2013⁴, cujas ações violentas tanto por parte da polícia de choque como dos manifestantes, fizeram muitos feridos e ao menos um morto no Rio de Janeiro.

No período preparatório para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 a população do Rio passou por um momento particular de amedrontamento diante de tantos casos de violência. Não se viu a tradicional alegria e ruas enfeitadas para a Copa. Naquele ano

não houve alegria. É bem verdade que o carioca é um povo que tem em sua história inúmeros episódios de tiroteios e mortes injustificáveis. Mas isso não é algo com o que se acostume, tanto é que ficamos abalados.

A população voltou a se sentir paralisada de medo⁵. Após um período de esperança na pacificação, veio a frustração. Angústia diante da impossibilidade em definirmos nossa posição nessa guerra em que estamos inseridos. Quem são os bandidos? Quem são os mocinhos? Paralisados diante da falta de respostas.

O discurso tão presente na mídia que tenta justificar a morte de um sujeito por alegar sua relação com o crime acaba por autorizar uma pena de morte, quase que num retorno à ideia de se fazer justiça com as próprias mãos. Bom exemplo é esse texto publicado em um blog da revista Veja, sobre a morte de Douglas, o DG, por policiais:

Dançarino Douglas sentia
“saudades eternas” do traficante
Cachorrão. De luto em janeiro,

²

<http://infograficos.oglobo.globo.com/rio/amarildo.html>

³ <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tiro-matou-dancarino-douglas-rafael-da-silva-o-dg>

⁴ Essas manifestações tiveram como críticas principais o aumento das tarifas de transporte público, a violência policial, a falta de investimentos em serviços públicos (como saúde e educação), os

gastos com os megaeventos esportivos, o poder dos oligopólios de comunicação, a hegemonia e dominação de partidos políticos sobre os movimentos populares e as falhas da democracia representativa.

⁵ O processo de pacificação das favelas envolveu o chamamento da população local para colaborar com a força policial mediante denúncias. Muitos líderes comunitários se envolveram com a ação contribuindo com a polícia. Agora, eles vivem um terror pessoal temendo retaliações do crime organizado que volta a mostrar seu poder.

postou no Facebook que “o bico” ia “fazer barulho”, porque “os amigos” estavam “cheio de ódio na veia”. Pode ser vítima, mas santo não era.⁶

Qualquer argumentação unilateral que vitimiza parte de um grupo ao rotular a outra como uma ameaça, deflagra o mecanismo em que diante da definição de um inimigo projetamos nele o nosso medo, e uma vez que essa ameaça tenha sido eliminada da sociedade, temos a ilusão de restaurar algum nível de segurança ou ao menos a sua esperança. Mas essa sensação dura muito pouco porque pulsa algo em nós que pressente que a arbitrária definição de um inimigo não é algo tão verdadeiro assim.

Desde os tempos coloniais que nossa cultura é marcada pela valorização do pensamento europeu. Mas na Europa cada pedaço de terra foi duramente conquistado e defendido em guerras seculares que motivaram a construção de tantos castelos e muralhas. Eles bem sabiam quem eram seus inimigos e de que lado estavam da trincheira.

Esse europeu veio para o Brasil e se miscigenou com índias e negras e daí nascemos. O pai e o capataz eram a mesma pessoa, como saber quem era o inimigo? E

quem seriam os amigos, pessoas de outras cores, diferentes credos?

Tentativa de compreender a singularidade do brasileiro que, de verdade mesmo, nunca soube quem eram seus inimigos e tampouco seus aliados, mas ainda assim segue se colocando essas perguntas. A definição de um inimigo é como a marcação de um alvo sobre o qual projetamos nossa sombra, formada por tudo o que não conseguimos lidar em nós, inclusive o medo. Quando nos vemos diante da impossibilidade de haver inimigos incontestes, somos assombrados por nossa própria sombra.

Essa lógica dualista, quando encontra forte base identitária pode ser uma potente mobilizadora de energia psíquica, como ocorre nos EUA. Diante do chamamento à batalha contra um inimigo, a maior parte do povo americano parece sentir a ativação dessa força que, ao mesmo tempo, reafirma sua identidade. Isso ocorre tanto em nível nacional, quando se convoca à Guerra contra o Terror, por exemplo, quanto na esfera interna quando se trata das demandas defendidas pelos grupos étnicos.

Mas por aqui esse grito de convocação não encontra as mesmas raízes e, ao contrário do que se deseja, gera apatia. Há uma dissonância entre a perspectiva

⁶ <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/04/24/dancarino-douglas-sentia->

[saudades-eternas-do-trafficante-cachorro-de-luto-em-janeiro-postou-no-facebook-que-o-bico-ia-fazer-barulho-porque-os-amigos-estavam-cheio-de-odio-na-veia/](http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/04/24/dancarino-douglas-sentia-saudades-eternas-do-trafficante-cachorro-de-luto-em-janeiro-postou-no-facebook-que-o-bico-ia-fazer-barulho-porque-os-amigos-estavam-cheio-de-odio-na-veia/)

“bandidos vs. mocinhos” e nosso caldeirão cultural em que a diferença mais gritante é entre ricos e pobres, em que ricos merecem ser protegidos e, em nome dessa proteção, os pobres estão autorizados a morrer.

A representação da força policial como sendo o lado bom e os pobres como sendo potencialmente perigosos é uma imagética questionável. Cada vez se torna mais claro que boa parte da força policial é igualmente pobre, muitas vezes moradores de favelas, e a farda não é garantia de atitudes idôneas. Se não há certezas aí, tampouco pode se esperar que seja tão simples aplicar essa arbitrária classificação à população de uma comunidade carioca.

Certo é que não haveria inimigos se não houvesse amigos, e sobre essa aparente simetria, o sociólogo Zygmunt Bauman, denuncia que são sempre os amigos que definem os inimigos em sua narrativa de dominação.

Segundo Bauman (1999), a existência é moderna na medida em que bifurca em ordem e caos. O outro da ordem é o caos. O outro é a incerteza, “essa fonte e arquétipo de todo medo”.

O movimento de ordenar não dá conta da fluidez do todo, ele é sempre um recorte que está em constante esforço em negar ou suprimir a contingência. Isso requer certa dose de coerção e arbitrariedade, ou seja, instaura-se uma relação de poder. Domina quem determina os critérios de

diferenciação e seus rótulos. É dominado quem aceita esses critérios como sendo uma verdade.

Um sujeito é plural em si mesmo. Partes de si podem atender a determinado valor, mas outros aspectos desse mesmo sujeito escapam a um rótulo reducionista. Ao reduzir um sujeito a um rótulo, a sociedade o enquadra na sua pobre dicotomia entre bons e maus, amigos e inimigos. Essa busca por extinguir a ambivalência inerente às coisas e pessoas é uma marca da cultura ocidental, e o que resulta disso é a intolerância. Nas palavras de Bauman, “a intolerância é, portanto, a inclinação natural da prática moderna”.

São os amigos que definem os inimigos e essa oposição serve à autoafirmação dos amigos. Identificar um inimigo em comum gera algo que une, confere sensação de identidade compartilhada, de pertencimento a um grupo. Bauman aponta que essa dinâmica entre amigos e inimigos é a forma arquetípica de toda associação. São duas modalidades nas quais o outro pode ser reconhecido como sujeito.

A zona sul do Rio de Janeiro tem uma geografia singular que é cenário para essas relações entremeadas na rotina, mas segregadas no discurso. Os bairros mais valorizados são formados também por comunidades pobres. As pessoas da comunidade são vizinhas das que moram nos apartamentos da orla, elas frequentam a mesma praia. A relação não é somente de

proximidade física, mas de relacionamentos próximos como a prestação de serviços domésticos ou o trabalho no comércio local, e, por outro lado, sabe-se que alguns dos milionários do bairro são importantes clientes do tráfico do morro. Dentro do microuniverso da comunidade as pessoas, tampouco, são hermeticamente isoladas das que participam do tráfico. São amigos de escola, primos, muitas vezes ex-maridos, ao menos vizinhos. As relações familiares e sociais coexistem, mas essa realidade não pode ser transformada em justificativa para a rançosa segregação entre os bons e os maus. Precisamos lidar com as ambiguidades sem que seja por parti-las em seus opostos.

Segundo Bauman, contra esse antagonismo rebela-se o estranho. O estranho é um membro arquetípico dos indefiníveis. Enquanto tal, o estranho coloca fim ao poder ordenador da oposição porque as indefinições paralisam. Diante do estranho abre-se nova possibilidade para lidar com a ambiguidade, fissura que quebra a hegemonia daquele padrão e convida a nos deixarmos impregnar por outras perspectivas. Conectar-se com essa potência do estranho é aprender a viver com o não classificado, o não rotulado. Prescindir do enquadramento que arbitra

limites e relacionar-se com o parcial de um todo fluido.

A rígida dualidade do discurso moderno ainda vigente é embaralhada de tal modo que a imagética social em construção se aproxima de um emaranhado, desprovido de centro e bordas. Por meio de um trabalho insistente, muitos formadores de opinião e agentes de valorização da cultura de periferia⁷, aos poucos, colocam em xeque a velha razão diante de questões contemporâneas, fazendo fissuras na paralisação afetiva e possibilitando o restabelecimento de um pulsar vital impregnado de criatividade.

Eles atuam em um “pluralismo do poder” (Bauman), pluralismo de opiniões autorizadas. Uma outra forma de agir que não luta contra, mas tampouco se submete ao sistema de peritos detentores do poder de nomear a realidade social. Autolegitimação que resulta em um poder difuso e, portanto, múltiplo. Só o pluralismo devolve a responsabilidade moral da ação a seu natural portador: o indivíduo que age.

Se a imagem que se forma é a do emaranhamento não se pode querer compreendê-la com uma lente que só vê verticalidade e hierarquias. É preciso darmos conta da ativação de outros

⁷ Como exemplo: o movimento Hip-Hop, Funk; CUFA – Central única das Favelas; Afroreaggae; Viva Favela, dentre outros.

complexos culturais que atuam nessas mudanças.

A função fraternal, como discorre Gustavo Barcellos (2010, p.10), não trata de unificar diferenças, mas de diferenciar semelhanças ao longo do eixo de horizontalidade, sendo a base do elo social, do que nos coagula em uma sociedade e que nos faz partilhar de uma cultura. O sentimento de comunidade emerge nessa nossa época pós-moderna das tribos, permitindo uma experiência estendida de identidade, pois o indivíduo não se esgota em si mesmo, ele também é tudo aquilo com o que se relaciona.

O irmão é diferente e igual ao *mesmo tempo*, e é por meio desse paradoxo que a alma encontra seu caminho na horizontalidade do mundo. O irmão é a base arquetípica para a construção do Outro, e para a recriação de uma ideia e um sentido de comunidade dentro das *novas ordens* do Ocidente contemporâneo. (BARCELLOS, 2010, p. 56)

A ativação do complexo fraterno implica na intensificação do ideal de comunidade, mas não torna as coisas mais fáceis. É um processo de tornar nossas perspectivas mais complexas e de nos afetarmos mais com os outros. Diante da emergência do que Bauman denomina “consciência da contingência” (1999, p. 244), que seria uma

das características do pensamento pós-moderno, a ilusão de controle esmaece e somos obrigados a dar conta da ambivalência das relações psíquicas e sociais. Estado de desconforto, mas que nos tira da apatia.

Assumir a contingência como condição da vida, abraçá-la como nosso destino, segundo Bauman, é abandonar a esperança na certeza e universalidade, é o fim do horror à ambivalência e o começo da tolerância.

Bauman aponta que a atitude tolerante em si não garante a emergência das relações comunitárias fraternas, pois a tolerância pode se tornar indiferença. Eu tolero o Outro, mas não me relaciono com ele. Essa existência pós-moderna pode ser tolerante enquanto parte de um processo de emancipação que possibilita a emergência da solidariedade, delineando uma outra dinâmica social. Defender a diferença do Outro é a forma de defender meu direito de ser único.

Uma significativa mudança de imaginário social.

A intensificação de um complexo cultural, como o fraterno, não exclui a ação de todos os demais que ao longo do percurso histórico atuaram sobre o grupo. Esses complexos, enquanto formadores da dimensão cultural da psique, também são resultado da experiência humana que a todo momento atualiza seu passado de forma

inovadora em um presente sempre singular. O desafio é o de não sair de uma visão reducionista para outra simplista, mas o de sustentar uma perspectiva complexa.

A abordagem que apresenta a aplicação da teoria dos complexos de Jung ao nível cultural da psique foi elaborada por Thomas Singer e Samuel Kimbles em 2004 e se firma como uma profícua área da psicologia analítica, permitindo o alargamento do trabalho do psicólogo junguiano que assim atua nas relações psíquicas em todas as suas vertentes.

Os complexos culturais, assim como os pessoais, são constituídos de ideias carregadas de emoção, atingindo-nos, habitualmente, como um *pathos*, uma aflição, em nossa psique e nosso corpo. Mas, diferentemente dos complexos individuais, fazem parte do inconsciente cultural. Os complexos culturais, tais como os individuais, interagem com o inconsciente coletivo e com a consciência subjetiva, mas exibem, além disso, uma especificidade que é decorrente da história do grupo ou da cultura. (PEREIRA, 2010, p.41)

A Teoria dos Complexos Culturais se mostrou bastante útil na análise das psicopatologias sociais, mas apostamos aqui numa aplicação psicossociológica dessa perspectiva teórica. Os complexos não apenas como ativadores de sintomas, mas, principalmente, como diagramadores de estilo, precipitantes de um psiquismo

sempre singular. Os complexos agem na psique coletiva e a combinação de diferentes intensidades que assumem em dado momento dão o tom do imaginário social que condensa determinadas ideologias e, por sua vez, cristalizam identidades culturais específicas que nos permitem conhecer algo da dinâmica psíquica da qual fazemos parte.

Os complexos culturais atuam na luta simbólica que delineia a visão de mundo compartilhada por um grupo, agem no campo do imaginário, um campo de enfrentamento político que irá afetar processos cognitivos como o das representações coletivas (SERBENA, 2003, p.3). A tradução moderna da realidade social no binômio amigos vs. inimigos é resultado da dinâmica que prevaleceu nos últimos séculos, mas enquanto tal constitui apenas uma das possíveis formas de dar significado a nossa realidade social.

O que se pretende é justamente denunciar a primazia da perspectiva reducionista da realidade em detrimento de outras. Pela consciência desse modo de agenciamento que opera por meio da categorização, torna-se possível vermos além dele e abrirmos espaço para que outras perspectivas existentes ganhem expressiva manifestação social. Experiência da multiplicidade da psique coletiva.

Diante do conflito armado que acontece no Rio de Janeiro não conseguimos simplesmente atender ao chamado de

guerra ao tráfico como se soubéssemos quem são esses inimigos. Claro que criminosos existem e devem responder por seus atos, mas já não é possível achar que uma pessoa por ser moradora de uma comunidade represente um perigo em potencial e que sua condição sócio-econômica autorize eventuais mortes. Uma vida é o elo entre muitas outras e quando uma se perde, o tecido social é afetado. Reclamação do sentido de comunidade, ativação do complexo fraterno. Recuperação da capacidade de se sensibilizar com a morte de pessoas, seja um policial, um civil e até mesmo de um criminoso.

Não há mais como negarmos a continuidade que existe entre a realidade psíquica e a realidade social, que fornece uma complexa perspectiva em que somos

convocados a dar conta da psique em todas as suas dimensões. O psicólogo inglês Andrew Samuels (1995, p.156) denuncia a suposta autonomia entre o mundo interior e o exterior ao sujeito. A sensação de interioridade é indiscutível, mas a apresentação da realidade psíquica como sendo constituída do binômio dentro vs. fora, é um legado da Modernidade que modula nosso discurso e direciona os estudos sobre ela.

Nessa imagética do emaranhado fica cada vez mais difícil nos exirmos da dimensão coletiva da psique que, como aponta Samuels, nos convoca a ir com a energia de nossas sombras e não contra elas. Como em todos os caminhos possíveis, esse tem seus riscos e exige coragem para ser trilhado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt (1999). **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar.

GAMBINI, Roberto (2000). **Espelho Índio: a formação da alma brasileira**. São Paulo: Axis Mundo.

MAFFESOLI, Michel (2007). **O Ritmo da Vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record.

PEREIRA, Henrique (2010). **Considerações sobre a Teoria dos Complexos Culturais**. *In*: Literatura, Crítica, Cultura IV: Interdisciplinaridade, p. 37-48. Ed. UFJF, Juiz de Fora.

SAMUELS, Andrew (1995). **A Psique Política**. Rio de Janeiro: Imago.

SERBENA, Carlos Augusto (2003). **Imaginário, Ideologia e Representação Social**. *In*: Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v.4, nº 52, dez/2003. Acessado em 20/06/2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>

SINGER, Thomas; KIMBLES, Samuel (2004). **The Cultural Complex: Contemporary Junguian Perspectives on Psyche and Society**. Versão de livro eletrônico para plataforma Kindle. Taylor & Francis e-library.